

**Riclaudio Silva Santo**

E-mail: [riclaudio.silva@gmail.com](mailto:riclaudio.silva@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5219-8002>

**Daniel Rodrigues de Lira**

E-mail: [daniel.rlira@ufpe.br](mailto:daniel.rlira@ufpe.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9559-2480>

**Lucas Costa de Souza Cavalcanti**

E-mail: [lucas.cavalcanti@ufpe.br](mailto:lucas.cavalcanti@ufpe.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9096-138X>

#### **RESUMO:**

O presente texto tem por objetivo discutir o papel do Sertão do Nordeste e da delimitação do Semiárido Brasileiro no processo de formação territorial do Brasil. Para isto, serão discutidos a construção da ideia de 'sertão', sua relação com as delimitações do Semiárido Brasileiro propostas ao longo dos anos, suas características sociais, principais atividades econômicas, e os rebatimentos destas para o meio ambiente, questões discutidas dentro da dualidade 'sertão' e 'litoral'. Foram analisadas as diferentes delimitações do Semiárido Brasileiro ao longo dos anos de 1936, 2005, 2017 e a mais recente, e ainda provisória, de 2021. Esta última comparada com dados de índice de aridez, na verificação da eficácia dos critérios de classificação vigentes. É demonstrado ainda como a sociedade sertaneja, construída na ocupação colonial a partir do trabalho do vaqueiro, se difere daquela do litoral sustentada pelo trabalho de escravizados.

**Palavras-chave:** Nordeste do Brasil; Delimitação do Semiárido; Sociedade Sertaneja.

#### **ABSTRACT:**

The aim of this text is to discuss the role of the Northeastern Sertão and the delimitation of the Brazilian Semi-arid in the process of territorial formation in Brazil. To this end, we will discuss the construction of the idea of the 'sertão', its relationship with the delimitations of the Brazilian semi-arid region proposed over the years, its social characteristics, main economic activities, and their impact on the environment, issues discussed within the duality of 'sertão' and 'litoral'. The different delimitations of the Brazilian semi-arid region were analyzed over the years 1936, 2005, 2017 and the most recent, and still provisional, 2021. The latter was compared with aridity index data to check the effectiveness of the current classification criteria. It is also shown how the sertanejo society, built during the colonial occupation from the work of the cowboy, differs from that of the coast, sustained by the work of enslaved people.

**Keywords:** Northeast Brazil; Semi-arid Delimitation; Sertanejo Society.

#### **RESUMEN:**

El objetivo de este texto es discutir el papel del Sertão Nordesteño y de la delimitación del Semiárido Brasileño en el proceso de formación territorial en Brasil. Para ello, discutiremos la construcción de la idea de "sertão", su relación con las delimitaciones de la región semiárida brasileña propuestas a lo largo de los años, sus características sociales, principales actividades económicas y su impacto en el medio ambiente, cuestiones discutidas dentro de la dualidad "sertão" y "litoral". Se analizaron las diferentes delimitaciones de la región



semiárida brasileira a lo largo de los años 1936, 2005, 2017 y la más reciente, y aún provisional, 2021. Este último se comparó con los datos del índice de aridez para comprobar la eficacia de los criterios de clasificación actuales. También se muestra cómo la sociedad sertaneja, construida durante la ocupación colonial sobre el trabajo del vaquero, difiere de la del litoral, sostenida por el trabajo de las personas esclavizadas.

**Palabras clave:** Nordeste de Brasil; Delimitación Semiárida; Sociedad Sertaneja.

## 1 INTRODUÇÃO

O Semiárido brasileiro vigente possui uma extensão total de 1.182.697 km<sup>2</sup> e uma população estimada de 27.830.765 habitantes (SUDENE, 2017), recebendo destaque mundial por ser a única região semiárida do mundo que não possui nenhum limite com desertos e pela sua grande ocupação humana. E apesar do conceito e da delimitação do semiárido ser uma construção recente no Brasil, o sertão desempenha um importante papel na formação do território nacional desde os tempos coloniais.

Desta maneira, para se discutir a construção do Brasil se faz necessário entender a construção do sertão nordestino, desde o seu conceito inicial herdado da definição dos portugueses para as terras interiores das colônias, o papel dos bandeirantes e das bandeiras, sua importância para o avanço do povoamento em direção ao interior do país, sua relação com o litoral enquanto categorias sociais opostas e complementares, outrossim, as principais atividades econômicas no sertão nordestino colonial e como estas foram implementadas sem a preocupação de se adequarem às características do ambiente semiárido, com ênfase para a importação do gado que serviria de alimento e força de tração nos engenhos de açúcar.

O texto em questão propõe uma análise aprofundada sobre o papel crucial desempenhado pelo Sertão do Nordeste e pela delimitação do Semiárido Brasileiro no complexo processo de formação territorial do Brasil. A pesquisa visa explorar como essas regiões geográficas desempenharam um papel fundamental na construção da identidade e na configuração do território nacional ao longo da história. Ao discutir a interação entre o ambiente físico e as atividades humanas nessas áreas, busca-se aqui fornecer *insights* valiosos sobre as dinâmicas territoriais, as influências ambientais e as práticas sociais que moldaram essa porção do território brasileiro.

Cabendo destacar ainda a sociedade sertaneja e suas particularidades, a qual promove uma ruptura com as influências europeias, uma vez que muitas das entradas ao sertão eram feitas por mamelucos (filhos de europeus com indígenas) e criam ao seu próprio modo sua organização social, construída em uma base patriarcal, marcada pela figura do coronel e do vaqueiro, pelos currais eleitorais, pelo controle da terra e pela violência, reproduzindo de maneira particular os privilégios hereditários presentes na sociedade do litoral açucareiro.

A construção deste artigo baseou-se em um sólido caminho metodológico, iniciando-se com uma extensa revisão bibliográfica que abrangeu estudos históricos, geográficos e ambientais relacionados ao Sertão do Nordeste e à delimitação do Semiárido Brasileiro. A análise dessas fontes



subsidiou a compreensão das características ambientais dessas regiões, permitindo uma abordagem holística. Além disso, a pesquisa incorporou a elaboração de mapas temáticos que visualmente representam a dinâmica territorial, destacando elementos fundamentais para a compreensão da interação entre o ambiente físico e as atividades humanas. A combinação dessa revisão aprofundada, análise ambiental e representação cartográfica formam a base teórica do artigo, contribuindo para uma compreensão mais completa do papel dessas áreas na formação territorial do Brasil.

O conceito de sertão e seu antagonismo com o litoral estabelecem as bases para compreender a dinâmica territorial brasileira, evidenciando as diferentes realidades que coexistem no país. A delimitação do Semiárido Brasileiro emerge como um fator determinante, conectando-se intrinsecamente ao conceito de sertão e influenciando diretamente as atividades econômicas desse vasto território nordestino. As atividades econômicas do Sertão Nordeste, em sua relação intrínseca com as características ambientais do Semiárido, emergem como elementos cruciais na formação territorial do Brasil, moldando a sociedade sertaneja e delineando a identidade regional que permeia a história do país.

Em última análise, o texto culmina em um ponto de convergência ao enfatizar a influência significativa do Sertão do Nordeste e da delimitação do Semiárido Brasileiro na formação territorial do Brasil. Dessa maneira, a contribuição fundamental do artigo reside na ampliação do entendimento sobre os recortes territoriais do sertão e do litoral, e a delimitação do semiárido brasileiro, alicerces no processo de formação da sociedade sertaneja.

## **2 O CONCEITO DE SERTÃO E O ANTAGONISMO COM O LITORAL**

Para se discutir o sertão nordestino se faz necessário inicialmente considerar um aprofundamento no próprio conceito de sertão, que assume diferentes acepções nos diferentes momentos históricos, e pode referir-se a diferentes regiões do território brasileiro. Cabendo destacar ainda a dualidade existente entre o conceito de “sertão” e “litoral”, que se apresentam enquanto recortes territoriais opostos e complementares. Assim como o conceito de semiárido, esse por sua vez, apoiado em parâmetros político-administrativos e científicos.

Para Amado (1995), o emprego do termo “sertão” ou “certão” pelos portugueses referia-se às áreas do interior de Portugal, termo este já presente entre os séculos XII e XIV. Posteriormente também foi utilizado no processo de colonização para se referir a extensões de terras no interior dos territórios conquistados.

Ainda de acordo com a autora citada, a categoria “sertão” se distribui em diversas regiões pelo Brasil, desde o sertão nordestino, mas também os sertões dos estados de Minas Gerais, Goiás ou Mato Grosso, o sertão em Santa Catarina que representa o extremo oeste do estado, ou mesmo no Amazonas



o “sertão de dentro” referindo-se às regiões fronteiriças com a Venezuela. Assim, é importante esclarecer que o “sertão” que será foco de reflexões é o “sertão nordestino”.

O sertão aparecia como área do interior do território nacional não explorada ou não povoada por pessoas “civilizadas”, uma terra sem lei.

Nesse sentido, “sertão” foi uma categoria construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização. Uma categoria carregada de sentidos negativos, que absorveu o significado original, conhecido dos lusitanos desde antes de sua chegada ao Brasil – espaços vastos, desconhecidos, longínquos e pouco habitados -, acrescentando-lhe ouros, semelhantes aos primeiros e derivados destes, porém específicos, adequados a uma situação histórica particular e única: a da conquista e consolidação da colônia brasileira (AMADO, 1995, p. 148).

O Sertão Nordestino se constrói então, em dualidade com o litoral, apresentando diferenças não apenas nos componentes ambientais, mas também na forma de organização da sociedade, seus costumes e atividades econômicas.

O litoral dos senhores de engenho se apresentava como o berço da sociedade evoluída, representando o moderno, o orgânico e o civilizado, enquanto o sertão dos coronéis representava o atraso, o inorgânico e a barbárie (PRADO JUNIOR, 2011). Holanda (1995) destaca a caricatura de Portugal construída na sociedade da cana-de-açúcar, a qual tentava imitar os costumes europeus, enquanto o sertanejo apresentava uma maior autenticidade, distinguindo duas sociedades dentro do território do Nordeste. No quadro 1 a seguir pode-se visualizar as dualidades, observadas na literatura, entre litoral e sertão:

<b>Sertão</b>	<b>Litoral</b>
Natureza Bruta	Civilização
Atrasado	Moderno
Bárbaro	Civilizado
Coronéis	Senhor de Engenho
Fazenda	Engenho
Algodão e Gado	Cana-de-açúcar
Setor Secundário	Setor Primário
Inorgânico	Orgânico
Trabalhador Livre - Vaqueiro	Negro Escravizado
Brasil Autêntico	Os Copistas

**Quadro 1:** Dualidades entre o Sertão e o Litoral do Brasil Colonial.

Fonte: Amado (1995), Freyre (2003, 2013), Holanda (1995), Prado Junior (2011).

Organização dos autores.

Para Pereira (2019) no século XIX as principais perspectivas de sertão estão associadas à singularidade espacial da memória acerca das regiões do interior, com temporalidade diferente daquela do litoral. Assim tem-se uma visão de semiárido como uma região com problemas



relacionadas aos condicionantes ambientais que impediam o desenvolvimento econômico, e ocupava desta forma uma posição abaixo de outras regiões consideradas mais civilizadas.

A partir dos anos 1970, o conceito de semiárido é trabalhado como uma fronteira econômica e com potencial a ser explorado, enfraquecendo o significado outrora utilizado para a palavra sertão, relacionando o conceito de semiárido com o conceito de sustentabilidade, objetivando a convivência com as características climáticas do semiárido.

Reconhecemos, entretanto, que a identificação das potencialidades do meio natural é um tipo de conhecimento mais do que obrigatório para uma discussão aprofundada das sérias questões sociais, econômicas e demográficas envolvidas na estrutura interna dos espaços semiáridos. (...) Não é certamente a rusticidade do ambiente das caatingas – com suas associações de arbustos e arboretos caducifólios e suas cactáceas, seus chãos pedregosos ou os seus rios intermitentes, e seu clima quente e seco – que responde pelos grandes problemas do homem regional (AB'SABER, 1974, p. 16).

Ab'Saber (1999) esclarece ainda que o semiárido é uma região sob intervenção, onde estão presentes projetos de planejamento territorial estatal com alcance desigual. Criando espaços híbridos, ora com a implantação de rodovias, e sistemas de irrigação, como os de Petrolina e Juazeiro, no médio São Francisco, ora com regiões sem nenhuma pavimentação ou oferta de infraestrutura que fomente o desenvolvimento social de populações isoladas.

Observa-se que, enquanto o termo “sertão” se apresenta como uma categoria do pensamento social brasileiro dentro dos debates dos historiadores desde o século XVI, ou mesmo uma categoria cultural presente na literatura brasileira, com destaque para a literatura regionalista e de cordel (AMADO, 1995), o termo “semiárido brasileiro”, por sua vez, se apresenta enquanto objeto de cunho político-administrativo, definido e delimitado de acordo com características ambientais.

Apesar de possuírem etimologias distintas, o “sertão” (referindo-se aqui ao sertão nordestino e a terras interiores) e o “semiárido brasileiro” podem, na prática, tratar do mesmo espaço geográfico.

### **3 DELIMITAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO**

No âmbito das delimitações político-administrativas, baseadas também em critérios científicos, o Sertão Nordeste foi delimitado primeiramente a partir do Polígono das Secas, criado pela Lei nº 175, de 7 de janeiro de 1936. Seu traçado foi complementado pelo Decreto-Lei Nº 9857, de 13 de setembro de 1946. Pela Lei Nº 1348, de 10 de fevereiro de 1951, a área do Polígono sofreu revisão dos seus limites.

O Polígono das Secas identificava seus municípios pertencentes como aqueles em áreas sujeitas à repetidas crises de prolongamento das estiagens. E o Decreto-Lei Nº 63778, de 11 de dezembro de 1968, delegou ao Superintendente da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) a competência de declarar os municípios pertencentes ao Polígono das Secas.



A partir de convenções internacionais adotadas após a Conferência Internacional das Nações Unidas para o Combate à Desertificação em Nairóbi, no Quênia, em 1977, o Polígono das Secas passou a ser denominado de Semiárido Brasileiro.

Em 2005, a partir da Portaria do Ministério da Integração Nacional, no então governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi instituída a nova delimitação do Semiárido Brasileiro, produto das iniciativas do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), ampliando os critérios para identificação dos municípios pertencentes à referida região.

Os novos critérios determinavam: precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros; índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, levando em consideração o período de 1961 a 1990; e o risco de seca maior que 60%, tomando como base o período de 1970 a 1990.

Já em 2017, a partir da Resolução Nº 107/2017, são novamente estabelecidos os critérios para a delimitação do Semiárido Brasileiro e procedimentos para revisão de sua abrangência. Os critérios técnico-científicos passam a ser: precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800mm; índice de aridez de Throntwaite igual ou inferior a 0,50; e percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano. Passam a ser considerados aptos todos os municípios que alcancem pelo menos um dos critérios elencados anteriormente.

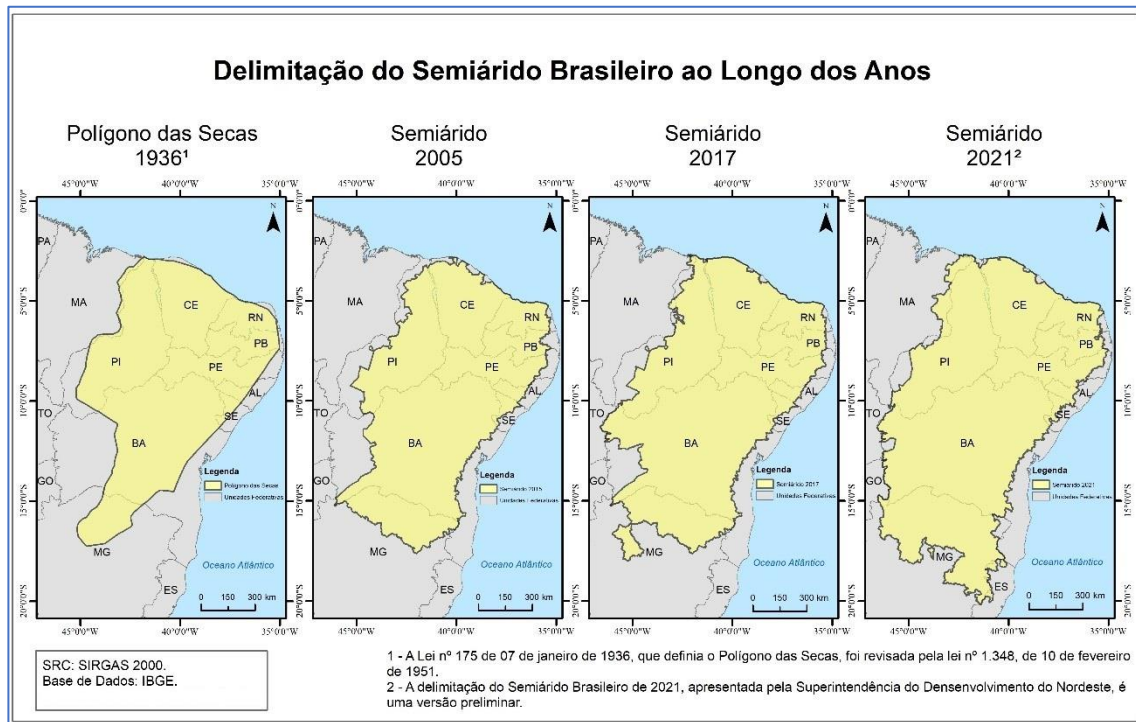
E em dezembro de 2021 houve uma nova delimitação do Semiárido Brasileiro, seguindo os critérios já estabelecidos na delimitação de 2017, porém, excluindo 50 municípios e adicionando outros 215 à lista, passando de 1.262 para um total de 1.427 municípios. Essa mudança significativa na delimitação gerou análises controversas sobre a cientificidade dessa nova seleção de municípios. Na figura 1 podem ser observadas as mudanças na delimitação do Semiárido Brasileiro ao longo dos anos.

A entrada ou saída de um município na região do Semiárido Brasileiro gera mudanças significativas em sua economia. A participação garante recursos para o município, principalmente pelos juros mais baixos e uma porcentagem maior no FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste), havendo ainda vantagens no FNDE (Fundo de Desenvolvimento do Nordeste), e no Pronaf-Semiárido (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar).

Inicialmente, tinha-se o objetivo de remover 50 municípios do estado de Minas Gerais da delimitação do semiárido, proposta em 2021, entretanto, devido à pressão política dos governos



manteve-se os 85 municípios, que permaneceram atendidos pelas políticas públicas específicas para o Semiárido, o que fornecera recursos financeiros para esses municípios.



**Figura 1:** Delimitação do Semiárido Brasileiro ao Longo dos Anos.

Fonte: Organização dos autores.

Dos 50 municípios removidos 42 são estão localizados no Nordeste do Brasil, e oito no estado de Minas Gerais. A novidade também está na adição de seis municípios do estado do Espírito Santo, pela primeira vez inseridos na delimitação do Semiárido.

O que se observa é que a delimitação do semiárido, apesar de ser embasada em critérios científicos, sofre influências técnico-administrativas e, principalmente, políticas, lembrando que o limite final dessa região é definido a partir dos limites municipais. Apesar de seguir os critérios científicos para delimitação do semiárido, as novas delimitações geram discussões por incluir municípios que estão inseridos em ambientes identificados como de clima tropical, fugindo do contexto semiárido. Por exemplo, se a delimitação do semiárido de 2021 for comparada com o índice de aridez fornecido pelo *Global-AI*, percebe-se que existem áreas úmidas inseridas nessa delimitação.

O Índice de Aridez Global (*Global Aridity Index* - *Global-AI*), em sua Versão 3, fornece um conjunto de dados globais sobre aridez, referentes ao período de 1970-2000, a partir de informações de precipitação, temperatura e evapotranspiração (ZOMER; XU, TRABUCCO, 2022).

O cálculo para definição do índice de aridez é definido pela seguinte fórmula:

$$\text{Global-Aridity Index (AI)} = \text{MA-Pr} / \text{MA-ET}_0$$

Onde: MA-Pr = Precipitação Média Anual

MA-ET<sub>0</sub> = Evapotranspiração Média Anual de Referência



Os valores médios anuais de precipitação (MA-Pr) são originários do *WorldClim2 Global Climate* (versão dos dados 2.1), para os anos de 1970-2000. E a camada de evapotranspiração é estimada em uma base média mensal pelos dados Global-ET<sub>0</sub> proveniente do método PM-FAO (*Penman-Monteith* da FAO-56<sup>1</sup>). Os valores do índice de aridez são então classificados a partir da proposta do Atlas de Desertificação (UNEP, 1997). Essa classificação pode ser observada no quadro 2, a seguir:

Valor do Índice de Aridez	Classe Climática
< 0,03	Hiperárido
0,03 – 0,2	Árido
0,2 – 0,5	Semiárido
0,5 – 0,65	Subúmido Seco
> 0,65	Úmido

**Quadro 2:** Esquema de classificação climática generalizada para os valores de Índice de Aridez.

Fonte: UNEP, 1997.

Esses dados climáticos, que levam em consideração precipitação média anual e evapotranspiração média anual para o cálculo do índice de aridez são informações já consolidadas em diversas pesquisas científicas, alimentadas a partir do *WorldClim Global Climate Data*.

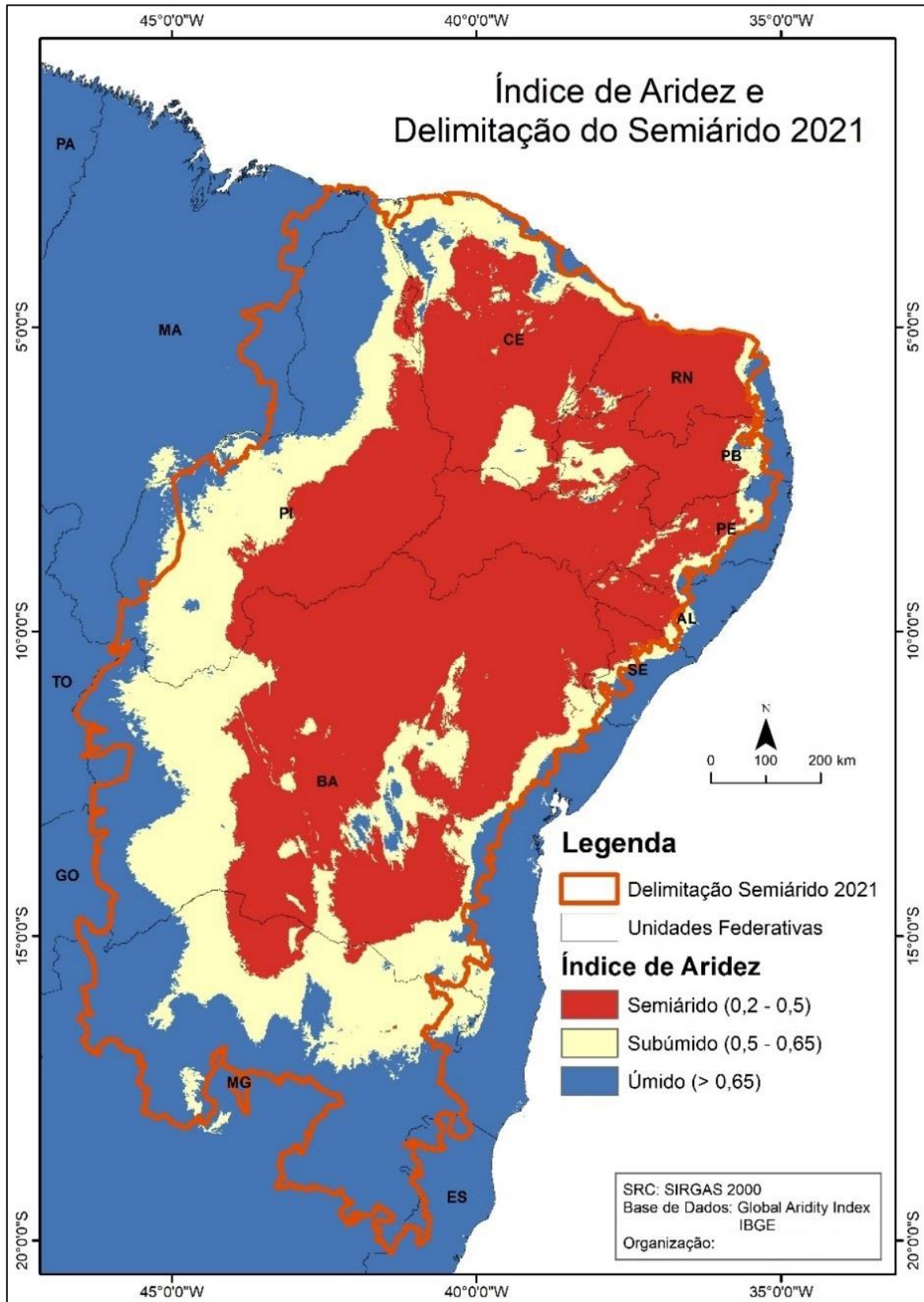
O *WorldClim* é um banco de dados que dispõe de um conjunto de informações climáticas globais, disponibilizados em formatos de arquivo GeoTiff (.tif), para serem trabalhados a partir de modelagem ecológica e em ambientes SIG (Sistema de Informações Geográficas), com versões atualizadas constantemente.

Para objetivo de comparação, foi gerado um mapa do índice de aridez, a partir dos dados do *Global Aridity Index*, para a região nordeste (e áreas circunvizinhas), englobando toda a nova delimitação proposta em 2021.

Na figura 2 fica evidente que existem, não apenas áreas áridas (em vermelho, com valores do índice entre 0,2 e 0,5) e subúmidas (em amarelo, com valores do índice de aridez entre 0,5 a 0,65), mas também áreas úmidas (em azul, com valores superiores a 0,65) dentro da delimitação do Semiárido proposta em 2021. Fica evidente que a referida proposta abrange municípios que não estão em condições climáticas de semiaridez, principalmente nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

<sup>1</sup> O método *Penman-Monteith* faz a estimativa da evapotranspiração média anual de referência a partir da relação entre radiação, temperatura, velocidade do vento, pressão, a relação entre pressão parcial da água no ar com a temperatura do ar (constante psicrométrica), resistência da superfície e resistência aerodinâmica. A mesma é descrita em detalhes por Zomer, Xu, Trabucco (2022).





**Figura 02:** Mapa do Índice de Aridez e Delimitação do Semiárido 2021.

Fonte: Elaboração dos autores.



#### 4 AS ATIVIDADES ECONÔMICAS DO SERTÃO NORDESTINO NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM AS CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DO SEMIÁRIDO

Enquanto na monocultura canavieira da indústria do açúcar o engenho se destaca pelos seus aspectos marcantes de posição primordial na colônia, o sertão por sua vez assume um papel secundário com sua economia pastoril, o “outro Nordeste”, trabalhado com primazia por Menezes (1937), se destaca principalmente com o algodão e a pecuária extensiva, por vezes em propriedades sem limites bem estabelecidos, e em menor grau com as lavouras de subsistência (FREYRE, 2003).

A pecuária traz consigo um dos maiores símbolos do Sertão Nordeste: o boi, responsável por abrir caminho dentro da caatinga com o pisoteio das boiadas. Este animal foi criado pelo sertanejo e levado para as regiões canavieiras para servir de alimento, assim como força de tração para o trabalho nos engenhos de açúcar (FREYRE, 2013). Andrade (1995) coloca os sertões como local de excelência dos currais de gado no século XVII.

Em menor grau, a criação de carneiros e cabras também fez e ainda faz parte das atividades econômicas do semiárido brasileiro, ganhando força com o passar dos anos, em parte pelo entendimento que estes apresentam uma melhor adaptação às condições ambientais da referida região. Cabe destacar que dentro da fauna nativa do semiárido têm-se o veado-catingueiro (*Mazana gouazoubira*) como animal de maior porte desse ecossistema (DUARTE, *et al.*), daí a importância de estabelecer a criação de animais de porte semelhante como a cabra e o carneiro, em contraponto à criação do gado.

Freyre (2013) mostra como no litoral as plantações de cana-de-açúcar ocupam os solos massapê (termo utilizado para se referir aos vertissolos, ou também para diferentes tipos de solos com predominância de argila), e nestes realizam a principal atividade da colônia. Neste processo de implantação da cana-de-açúcar o ecossistema da mata atlântica foi alterado de forma permanente.

O empobrecimento do solo, em tantos trechos do Nordeste, por efeito da erosão, não se pode atribuir aos rios, à sua ânsia de correr para o mar levando a gordura das terras, mas principalmente à monocultura. Devastando as matas e utilizando-se do terreno para uma cultura única, a monocultura deixava que as outras riquezas se dissolvessem na água, se perdessem nos rios. O fato liga-se também à destruição das matas pelo fogo e pelo machado, em que tanto se excedeu a monocultura. Desapareceu assim aquela vegetação como que adstringente, das margens dos rios, que resistia às águas, tempo de chuva, não deixando que elas levassem o tutano das terras: conservando o húmus e a seiva do solo (FREYRE, 2013, p. 25).

No semiárido por sua vez ocorre uma grande variedade de solos que são destinadas à agropecuária. Ao contrário da imagem popular da predominância das terras rachadas (argissolos de fundo de açudes ou leitos de rios intermitentes), que eventualmente são utilizadas para se referir ao



Nordeste do Brasil, o semiárido possui um conjunto de diferentes tipos de solos que englobam neossolos, planossolos, luvisolos, latossolos e argissolos (EMBRAPA, 2006).

Entretanto, no semiárido, o homem não selecionou nenhum tipo de solo específico para a aplicação da pecuária, promovida de forma extensiva e discriminada, unindo por exemplo, a capacidade de compactação do solo pelo pisoteio do gado com a fragilidade dos neossolos pouco desenvolvidos.

O sentido dado as atividades econômicas do semiárido brasileiro na colonização era de prestar assistência ao setor canavieiro. O complexo da cana-de-açúcar se apresentava enquanto um setor dinâmico e exportador (setor primário), enquanto a pecuária no sertão não possuía dinâmica econômica e representava uma atividade de subsistência (setor secundário) (PRADO JUNIOR, 2011).

Percebe-se que tanto os biomas do litoral como do sertão são afetados de maneira severa pelas atividades econômicas estabelecidas no Brasil desde os tempos coloniais. Mas apesar do destaque que é dado pela sociedade e pela mídia para os desmatamentos na Amazônia e na Mata Atlântica, a Caatinga no Nordeste também tem sofrido com as derivações antropogênicas das atividades agropecuárias nela estabelecidas.

De acordo com o Relatório Anual do Desmatamento no Brasil (MAPBIOMAS, 2019) os estados das regiões do Nordeste foram os que menos emitiram alertas de desmatamento no ano de 2019, o que reflete as limitações na detecção dessas áreas dentro do bioma da Caatinga.

## 5 A SOCIEDADE SERTANEJA

As diferenças entre o sertão e o litoral não eram apenas de caráter econômico e ambiental, as sociedades litorâneas da cana-de-açúcar e sertanejas do gado também apresentavam características singulares. Enquanto o senhor de engenho explorava o trabalho dos negros escravizados, o fazendeiro coronel explorava o trabalho de homens livres, representados principalmente pela figura do vaqueiro.

Nos textos de Sérgio Buarque percebe-se que, a partir do momento em que entrou no sertão, o homem ibérico não viria mais a ser o mesmo. Diante de uma natureza mais forte que ele, foi obrigado a pagar a ela um tributo, adaptando-se. E a sociedade que viria a surgir daí seria algo nova, não mais puramente ibérica (WEGNER, 1998, p. 16).

A família do fazendeiro no Nordeste pastoril se estabelece na oligarquia, com o único objetivo de atender aos seus interesses privados. Os fazendeiros se apresentam enquanto coronéis, impositores das regras sociais. Já aqueles que vendiam sua força de trabalho na fazenda desses coronéis estavam sobre a sua “proteção” estabelecendo uma relação serviu, criando uma espécie de “plebe rural” (MENEZES, 1937). Estas características faziam da fazenda uma unidade política caracterizada pelo “voto de cabresto”, onde o fazendeiro decidia qual político todos os seus “protegidos” iriam escolher nas votações.



Outro ponto fundamental para entender o sertão é compreender que a violência está presente desde suas raízes, perpassando por diversos movimentos históricos, do messianismo ao cangaceirismo, e no dia a dia do sertanejo.

Os surtos messiânicos e, sobretudo, o cangaceirismo seriam, no que tem de violência, respostas a uma violência primeira que se traduz por múltiplas e diversificadas formas. A primeira de todas elas encontra-se na própria ação colonizadora, porquanto colonizar é de per se um ato de violência de uns sobre outros povos, raças e culturas. Neste sentido, importa assinalar, primeiramente, a mentalidade e a prática impregnadas de violência da ação colonizadora sobre os nativos (LACERDA, 2004, p. 1).

A violência está presente desde o processo de ocupação do território do sertão, nos conflitos dos colonizadores contra os indígenas, com destaque para os Pataxós na Bahia, Potiguara na Paraíba e Pankararu em Pernambuco. Na escravização do negro, que mesmo após se tornar um homem livre sofria segregação. Ou no machismo que vitimava as mulheres, por vezes com o respaldo social, baseados nos crimes de honra<sup>2</sup>.

Os conflitos entre diferentes famílias também podiam, por vezes, perpetuar a violência no sertão por gerações. Em defesa da honra da família também se justificavam os assassinatos cometidos pelos matadores de alugueis.

O homem nordestino, mesmo atualmente, lava sua honra com sangue. A defesa da honra masculina possui forte influência no comportamento violento. O indivíduo do sexo masculino teme ser considerado um covarde por seus pares e esta é uma das principais causas de comportamentos violentos. No Nordeste brasileiro esse fenômeno é facilmente comprovado, ser um “cabra frouxo” principalmente no sertão é uma humilhação inaceitável para os homens e para sua família. Há desse modo um reforço do comportamento machista, representada inclusive nos ditos populares como na frase: “O cabra tem que ser macho ou se mudar do sertão” (SOUZA, 2010, p. 53).

As relações de classes também se realizavam de maneira diferente no sertão e no litoral, enquanto no litoral o escravo não possuía nenhum direito enquanto trabalhador, e nem mesmo enquanto ser humano, o vaqueiro no sertão se encontrava em uma melhor posição social. Um exemplo disto é a prática do quartio na criação do gado, onde o vaqueiro recebia um quarto da produção do rebanho. Isto permitia, mesmo que de forma incipiente, que o vaqueiro iniciasse o seu próprio rebanho (MOREIRA, 2014).

Entretanto isto não eliminava a desigualdade presente no semiárido, e assim como no litoral, perpetuavam-se os privilégios hereditários. Da mesma forma que os herdeiros dos senhores se engenho mantinham o controle da sociedade canavieira, no sertão, os filhos dos fazendeiros, via de regra, eram os únicos com acesso à educação, e destinados a exercer o controle social por meio da

---

<sup>2</sup> Os crimes de honra fazem referência àqueles que envolvem a reputação do indivíduo e que por sua vez, dentro da cultura do sertanejo, justificam o ato de violência, até mesmo o assassinato (SOUZA, 2010).



posse das terras. E ainda que o vaqueiro receba um plantel de cabeças de gado “falta-lhe a terra, geralmente, consegue arrendando-a ao seu antigo<sup>3</sup> senhor.” (MOREIRA, 2014, p. 72).

A concentração de terras fica clara ao observar que o Nordeste é a única região do Brasil que demonstrou aumento na concentração de riqueza e aprofundamento das desigualdades no ano de 2019, de acordo com o índice de Gini, apresentando aumento de 0,545 para 0,559 (PNAD Contínua – IBGE, 2019). Mesmo que a sociedade sertaneja tenha se formado de uma maneira diferentes àquela do litoral, com relações de trabalho distintas, a concentração da riqueza e da terra é uma característica comum em ambos os casos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões aqui propostas percebe-se que o sertão nordestino se destaca enquanto uma importante região do território nacional brasileiro, e demanda uma análise profunda das origens dessa sociedade com o objetivo de elucidar as questões referentes às desigualdades sociais e problemáticas ambientais discutidas frequentemente nos dias atuais, e apresentam sua origem no processo histórico de ocupação territorial.

O sertão é resultado do sentido que lhe foi dado desde o período colonial, e isto está refletido nos problemas sociais e ambientais contemporâneos, seja da violência originada no processo de colonização, da desigualdade social entre aqueles que possuem terras e os que vendem sua força de trabalho, seja do desmatamento da caatinga para as pastagens que alimentam o gado.

Cabe destacar que as questões aqui discutidas já estão presentes desde as obras clássicas, como as de Gilberto Freyre (2003; 2013) e Djacir Menezes (1937), e ainda assim permanecem atuais na sociedade contemporânea. Obviamente estas questões não se esgotam e as reflexões futuras são importantes para compreensão do papel do sertão nordestino na formação do Brasil e de suas demandas contemporâneas.

Diante do exposto, torna-se essencial a consulta às obras clássicas e o respaldo nas significativas contribuições dos historiadores, antropólogos, sociólogos, geógrafos e demais estudiosos, os quais dedicaram anos, muitas vezes toda uma vida, às suas pesquisas. Essa conexão entre os textos clássicos e as pesquisas contemporâneas possibilita a construção de uma ampla matriz de referências que enriquecem a compreensão diante da complexa sociedade brasileira.

---

<sup>3</sup> Apesar de Moreira (2014) utilizar o termo “antigo senhor”, o fazendeiro ainda mantinha o controle social por meio da propriedade da terra, necessária para o desenvolvimento das atividades econômicas. O arrendamento garantia ao fazendeiro um pagamento fixo ou ajustável por parte do vaqueiro para que o mesmo pudesse utilizar das suas terras para criar o gado recebido no quartio.



## REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **O domínio morfoclimático semi-árido das caatingas brasileiras**. São Paulo: Universidade de São Paulo - Instituto de Geografia, 1974.

\_\_\_\_\_. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. **Estudos avançados**. V. 13, p. 7-59, 1999.

AMADO, J. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 8. Nº 15, 1995, p. 145-151.

ANDRADE, Manuel Correia de. Formação territorial do Brasil. In: BECKER, B.; CHRISTOFOLETTI, A. **Geografia e Meio ambiente no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 1995.

DUARTE, J. M. B. *et al.* **Plano de ação nacional para a conservação dos cervídeos ameaçados de extinção**. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2012, 128 p. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/plano-de-cao/860-plano-de-acao-nacional-para-conservacao-dos-cervideos.html> Acesso em: 5 jan. 2021.

EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2006. 306p.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 1ª edição digital. São Paulo: Global, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 4 jan 2021.

LACERDA, Aurélio Gonçalves de. Imagens do Sertão: a violência-resposta legitimada no cangaço. **Revista Léguas e Meia**. V. 2. N. 1, 2004.

MAPBIOMAS. **Relatório Anual do Desmatamento no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/>>. Acesso em: 5 jan 2021.

MENEZES, Djacir. **O outro Nordeste**: formação social do Nordeste. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1937.

MOREIRA, R. **Plantation e formação espacial**: as raízes do Estado Nação no Brasil. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

PEREIRA, S. C. Analyse d'un siècle de représentations territoriales et de gestion hydrique dans l'État du Pernambouco, Brésil (1909-2019). **Thèse Doctorat en Sciences Géographiques**. Québec, Canada, 2019.

PRADO JUNIOR, C. O sentido da colonização. In: **Formação do Brasil Contemporâneo**: colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 15-29.



SANTOS, M. Bandeirantes paulistas no sertão do São Francisco: povoamento e expansão pecuária de 1688 a 1734. São Paulo: Edusp, 2009.

SOUZA, M. G. T. C. de. Processos psicológicos do homicídio. 2010. **Dissertação (Mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

UNEP. United Nations Environment Program. MIDDLETON, N.; THOMAS, D. (Eds.). **World Atlas of Desertification**. London: Arnold, 1997.

WEGNER, R. Sérgio Buarque de Holanda e a tese da fronteira. **Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambú: ANPOCS, 1998.

ZOMER, R. J.; XU, J.; TRABUCCO, A. Version 3 of the global aridity index and potential evapotranspiration database. **Scientific Data**. V. 9. N. 1, p. 409, 2022.